 Tempo de leitura: 5 min.

Em sua leitura do Cântico dos Cânticos, São Francisco de Sales evoca, por meio de uma citação do Cântico ou de uma simples alusão, a figura de Cristo Esposo, sobretudo sob o aspecto da salvação trazida por Aquele a quem ele comumente chama de «o Salvador».

É evidente que muitas de suas interpretações se inspiram em toda uma tradição que o precede, mas, para falar dos mistérios do Deus feito homem, o doutor do amor deixou-se conquistar, como poucos outros, por seu gosto pelas imagens, pelos símbolos e pelas «comparações».

Mistérios gozosos

A Encarnação é o primeiro de todos os mistérios, oculto na providência eterna de Deus e esperado ao longo dos séculos.

Nos poemas do Cântico, em que se fala frequentemente de vinha e de uvas, o autor do *Tratado do Amor de Deus* estende a imagem da vinha, símbolo tradicional do povo de Deus, a todo o universo criado, à espera do Fruto delicioso. Jesus é, de fato, a uva esperada pelas gerações; foi por Ele que o Pai plantou sua vinha desde o princípio:

O grande Salvador foi o primeiro na intenção divina e naquele projeto eterno que a divina Providência concebeu para a origem das criaturas; e, na contemplação desse ***fruto desejável****, foi plantada a* ***vinha*** *do universo e estabelecida a sucessão de diferentes gerações que, como folhas e flores, deveriam precedê-lo, como precursores e preparações adequadas para produzir* ***aquela uva*** *tão louvada pela esposa sagrada nos Cânticos.*

Depois da longa espera pela Encarnação, chega enfim o momento da Anunciação da vinda do Salvador, o momento do beijo.

Os desejos da Virgem, intérprete da humanidade que aguardava e que exclamara: «*Que ele me beije com o beijo de sua boca*», foram misteriosamente atendidos.

Deixando de lado, por uma vez, a linguagem mística que tanto ama em favor da linguagem da teologia especulativa, São Francisco de Sales afirma que o beijo significa «*a união* hipostática da natureza humana com a divina».

Nosso Senhor veio ao seu *jardim*, explica ele, quando entrou «no seio puríssimo, humílimo e dulcíssimo de sua Mãe, repleto de *todas as plantas floridas* das santas virtudes». Jesus é a *flor* dos campos, a flor por excelência, que brotou da santíssima Virgem.

Depois do nascimento de Jesus, os desejos da Virgem são atendidos de maneira muito concreta, pois ela recebe os *beijos* de seu Menino, a quem amamenta com seu leite.

Oito dias depois de seu nascimento, ele recebe o nome de Jesus, e será possível dizer-lhe: «Teu *nome* é um *óleo* derramado. Ó *nome salutar*, nome de esperança!». Foi esse Nome acima de todos os nomes que inspirou em Francisco de Sales este grito de amor e vitória que ele nunca se cansa de repetir: «Viva Jesus!».

No início de seu ministério público, a «Voz» do Amado começa a se fazer ouvir. Os profetas do Antigo Testamento haviam dito: eis que ele virá e não tardará; mas João Batista diz: «Eis que ele vem, saltando sobre os *montes*, transpondo as *colinas*», como quem diz que nada pode impedir sua vinda, nem mesmo as altas montanhas. Jesus prega, e sua pregação é como um óleo que espalha seu perfume por toda parte.

Mistérios dolorosos

Mas, ao ler os poemas do Cântico, nosso autor se deteve principalmente nas imagens e nos símbolos que lhe falavam da paixão e da morte de Cristo na cruz.

A *mirra*, mencionada com frequência, representa a amargura de sua dolorosa paixão.

Ele próprio é o *lírio* entre os espinhos.

É o «*fogo* do amor que arde num arbusto espinhoso de dor».

O orvalho e as gotas da noite que cobrem a cabeça do Amado representam suas aflições e dores.

O *leito* florido, *lectulus noster floridus*, é o leito da cruz, pois foi ali que Nosso Senhor se tornou «rosa do martírio, violeta da mortificação, lírio da pureza».

E o que é essa *coroa* que sua mãe, a Sinagoga, lhe impôs, senão a coroa de espinhos para o dia de suas núpcias?

A contemplação das chagas de Cristo sugeriu ao nosso autor várias imagens novamente extraídas do Cântico. A imagem do *favo*, com todos os seus alvéolos, lembra-lhe o corpo de Cristo, perfurado por tantos orifícios quantas são as chagas. As imagens das *janelas* e da treliça representam «as chagas de seu corpo e a abertura de seu lado», por meio das quais ele olha para nós.

Outra imagem impressionante, tirada de São Bernardo, é a dos buracos na rocha onde se abriga a *pomba*, símbolos das chagas de Cristo, nas quais é bom esconder-se: devemos permanecer, escreve ele, «na *caverna* da rola e no lado trespassado de nosso querido Salvador».

Mistérios gloriosos

Também não faltavam imagens para celebrar o mistério da Ressurreição. A união da alma de Cristo com seu corpo é comparada ao mel que enche o favo:

Ele viveu uma vida nova, reunindo sua alma, mais doce que o ***mel****, ao seu corpo trespassado e ferido por mais orifícios do que um* ***favo****.*

O *vinho* representa a alegria de sua ressurreição, e o *leite*, «a doçura de sua convivência» com os apóstolos e discípulos durante os quarenta dias seguintes.

O Cântico dos Cânticos também lhe fornecia material para ilustrar o mistério da

Ascensão, que ele define como o último e o complemento dos mistérios da Redenção.

A inclusão é perfeita: se o beijo no primeiro versículo do Cântico evocava o mistério da Encarnação, Francisco de Sales lia o mistério da Ascensão no último versículo do livro: «*Foge*, meu Amado, e sê semelhante ao *cervo* e ao filhote das corças, sobre os montes aromáticos».

Em sua ascensão, Cristo se assemelha ao *cervo*, que alcança o cume das montanhas para «contemplar mais de perto o sol», mas também «para ver com mais clareza todas as coisas a seus pés». Ao subir ao céu com corpo e alma, Jesus misturou «o *vinho* alegre da glória essencial de sua alma ao leite delicioso da felicidade perfeita de seu corpo».

Exaltado na glória junto ao Pai, o Filho não tem outro desejo senão o do único e eterno beijo do Pai: «Que ele me *beije* com um beijo de sua boca». É assim que, no céu, o Filho se alimenta e se sacia «ao *meio-dia* de sua glória», onde não há sombra.

Tendo subido ao céu junto do Pai, Jesus envia o Espírito Santo. Nisso ele se assemelha ao *cervozinho* que salta, mas olha continuamente para o fundo do vale onde deixou sua mãe, isto é, a natureza humana, à qual enviará o Espírito Santo.

O dom do Espírito marca o início da Igreja: sobre ela, ele derrama não apenas seu *óleo*, isto é, «a unção salutar da justificação», mas também «o *vento* suave das consolações», ou seja, seu amor. Um amor assim, esclarece nosso doutor, não pode ser fruto das forças naturais: é um dom do Espírito Santo, que «o concede e o difunde em nossos corações».

Conclusão

Como se pode constatar, São Francisco de Sales interpretou com grande liberdade muitas imagens e símbolos do Cântico, lendo neles os principais mistérios da salvação trazida por Cristo. Mas, acima de tudo, ele faz questão de mostrar que toda a obra da salvação é motivada pelo amor.